

# Vagamundo profissional

Toco Lenzi, o mais versátil aventureiro brasileiro, resgata a tradição dos viajantes de coração

ALASCA



Ignácio Aronovich/divulgação



Maurício Claretto/Época

SÃO PAULO



PATAGÔNIA



Duda Zsigmono/divulgação

CARIBE



Divulgação

EGITO



Renata Neto/divulgação



ARGÉLIA



Fabio Zsigmono/divulgação

ANTÁRTIDA



Divulgação

ELIANE BRUM

**A**ntonio "Toco" Lenzi é um sujeito que tira férias em São Paulo. E, quando trabalha, pedala na África, navega no Atlântico, rema nas geleiras do Alasca, faz rapel no Vietnã, atravessa o Deserto do Saara num carro a vela. No total, são mais de 70 expedições. Para a maioria de nós, é preciso queimar alguns neurônios para lembrar o que aconteceu de relevante nos últimos meses. Somente neste ano, Toco deu a volta ao mundo pela Antártida com o navegador Amyr Klink e embrenhou-se na Amazônia para filmar índios semi-isolados contatados pelo indigenista Sydney Possuelo. Entre os pingüins e as sucuris, dez dias de intervalo. Neste fim de semana, Toco está embrenhado numa caverna no Paraná – trabalhinho mole para quem se prepara para atravessar o Deserto do Saara, sozinho, puxando um riquixá.

Lenda restrita ao seletto mundo dos aventureiros, esse paulistano de 38 anos não tem a fama de alguns heróis nacionais do ramo. Não porque não tenha feito tanto ou mais que eles, mas porque sua verdadeira vocação é a vagabundagem. Seria uma escolha filosófica, não tivesse ele uma preguiça existencial para a retórica.

Toco é um ilustre representante da estirpe de viajantes que se orgulha de ter a carteira de trabalho em branco, é incompatível com o kit casamento-filhos-e-cachorro, mora com a mãe para não ter de manter uma casa em que nunca vai estar e só se sente seguro quando o futuro é um ponto de interrogação de dimensões tão superlativas quanto o Tronador – montanha argentina onde passou uma noite tenebrosa dentro de uma greta de gelo a 10 graus Celsius negativos, esperando as pernas voltarem a lhe obedecer. "Pensei em me mijar porque era quentinho", diverte-se.

**A aventura sempre foi uma mistura de** ousadia com business, mediada pela geopolítica, como mostram tanto as navegações que desembarcaram Cristóvão Colombo na América como a expedição que matou Robert Scott, no Pólo Sul. Nas últimas décadas, a complexidade do mundo desbravado impôs outros anabolizantes: marketing, patrocínio, mídia e muito holofote. Ficou sem graça entabular conversações com pingüins se a cena não for registrada para virar, por exemplo, ►

capa de caderno escolar. Os heróis foram carimbados por logomarcas – fato que, se não lhes tira o mérito, limita muito a liberdade, vigiada de perto pelos patrocinadores.

Toco Lenzi começou assim – e não gostou. Com outros dois sócios, montou uma produtora, a Expedição Oceanus Filmes. Ganha dinheiro produzindo imagens para canais de aventura, como a National Geographic, a Discovery e a AXN. Registra as expedições alheias para empreender as suas sem precisar dar satisfações a ninguém. Afinal, que empresário ia querer botar sua marca num riquixá com a maior pinta de carrinho de papelheiro? “Não conheço nenhum aventureiro que seja tão polivalente. Toco vai pro céu, pra terra, pra água. E é o cara mais humilde do mundo”, elogia o mergulhador Lawrence Wahba. “É um aventureiro de coração, viaja pelo prazer, não pela glória”, diz o sócio Renato Castanho.

Unanimidade no mundo da aventura – feito raro num meio movido a altos teores de vaidade –, Toco odeia competir, não quer quebrar recorde algum, detesta tecnologia e comidinhas desidratadas. Prefere se adaptar à cozinha local, inclusive quando ela inclui formigas fritas e cobras refogadas. O sucesso, segundo Toco Lenzi, é acordar a qualquer hora, em algum lugar do mundo, sem nada para fazer a não ser respirar, olhar e divagar. “O horizonte está aí, mas as pessoas se enclausuraram numa vida cheia de restrições”, filosofa. “Para mim, a rotina mata o espírito. Todo o mundo, um dia, teve o ímpeto de sair pelo mundo, mas a maioria aplacou essa vontade.”

**Histórias sobre “os ímpetos” de Toco** não faltam. A mais antológica delas aconteceu em São Paulo, anos atrás. Depois de duas horas preso no trânsito da Marginal, Toco decidiu dar uma saída para desestressar, como ameaçam dez entre dez paulistanos. Passou em casa, pegou a mochila e avisou à mãe, Maria Emília: “Vou dar uma espairecida em Corumbá e já volto”. Voltou seis meses depois. Foi indo, indo... e acabou na Califórnia.

Ele não sabe de onde veio esse gosto pela estrada, nem os pais – Sérgio foi dono de choperia e Maria Emília era funcionária pública. O irmão é enfermeiro, a irmã advogada. Toco é o cacula sem eira nem beira. “Isso que o obstetra garantiu que ele seria presidente da República”, conta a mãe. Aos 13



Maurício Claret/Fotoa

**“Tudo, na minha vida, visualizo em forma de mapa”**

**TOCO LENZI**, aventureiro e cinegrafista

anos, Toco começou a viajar de Kombi pelo Brasil, na companhia de um tio que fazia radiografias – “serviço móvel abreugráfico”. Aos 14, fez a primeira das 15 viagens pela América Latina trazendo agasalhos de alpaca para vender aos colegas de escola. No 3º ano da faculdade de Educação Física, decidiu que estava definindo naquela vida. “Resolvi emigrar”, conta. Embarcou num avião para os Estados Unidos com US\$ 800 no bolso só falando um “good morning”. No vôo conheceu uma senhora de Governador Valadares e seguiu com ela para New Jersey, onde virou motorista de go-go girl.

Esse é um dos segredos de Toco. Ele, mudo, já é uma simpatia. Fazendo mímica torna-se encantador. Adora pessoas – e as pessoas o adoram. Conversa com qualquer um mundo afora sem saber a língua. Sempre salva amigos em encrencas diplomáticas. “Ele apartou uma briga minha com um beduíno no meio do Deserto do Sinai sem falar uma palavra de árabe”, conta Lawrence. “Toco é quase um Buda. Em cinco minutos estava todo o mundo rindo. É assim com bichos também. Eles fazem o que ele quer. Já vi um leão-marinho totalmente hipnotizado por ele nas Galápagos.” Medo de gente, Toco só tem em São Paulo, único lugar do planeta em que sofreu violência: foi vítima de um seqüestro relâmpago.

A estréia na África foi aos 21 anos. Depois de trabalhar 15 dias em Roma retirando entulho, comprou uma passa-

gem para a Nigéria – ele e sua bicicleta – e saiu do aeroporto pedalando África adentro por quatro meses. Sozinho, que é como ele mais gosta, para ficar mais aberto ao povo local. Na hora, pensou: “Essa é a minha vida”. Ao apagar nas aldeias, exibiu como cartão de visita uma montagem em que aparecia abraçado a Pelé – a quem, aliás, nunca teve o prazer de conhecer. Depois disso perambulou pela África mais sete vezes. Sempre com soluções toquianas para as pedras dos caminhos do mundo.

Quando atravessava o Saara num carro a vela, a Argélia em guerra, trocava latinhas de cerveja por gasolina. Uma por tanque. Quando fez a expedição Brasília-Lisboa, por água, ele e o navegador Eduardo Meurer levaram seis meses para chegar – Cabral levou 43 dias 500 anos antes. “O barco quebrou e Toco descolou uma van com um italiano nas Canárias. Enchia de terra que roubava num parque e aterrava jardins para arrumar dinheiro. Apresentava-se como agrônomo”, conta Meurer. “Ele é do tipo que, se precisar, costura um ferimento no meio do oceano.”

No Vietnã, Toco foi sugado por um redemoinho quando fazia rapel. Ficou agarrado a uma pedra, atrás de uma cachoeira de 80 metros, por duas horas até o resgate. Levou dois dias para que os amigos o convencessem de que estava vivo. Pensava estar desencarnado, apenas apegado à antiga vida. A verdade é que pouca gente pode ter tanta certeza de estar vivo quanto Toco Lenzi. ■